

# Solte (bem) o verbo

Quanto maior o cargo, mais o tropeço compromete a imagem do profissional

Por Edgard Murano



Foi uma área em que, por muito tempo, os desavisados acharam dispensável o domínio do padrão culto do idioma. Mas no mundo corporativo, em que a lógica dos lucros e prejuízos norteia as preocupações cotidianas, cada vez mais executivos se preocuparam com a eficácia da comunicação no trabalho e dedicaram-se ao aprendizado da língua portuguesa - sobretudo em épocas de acordo ortográfico. No entanto, alguns vícios ainda persistem no dia a dia empresarial, muito embora já exista a consciência de que o uso do idioma pode ser a diferença entre um desempenho eficaz e o fiasco nas relações internas das corporações, na interface externa de suas operações, e em reuniões de trabalho e negócio. Daí a onda de profissionais preocupados com a própria formação e ciosos da credibilidade da empresa que representam a procurar cursos de aperfeiçoamento. Aqueles que lêem menos acabam recorrendo a programas intensivos para absorver de forma rápida um conhecimento que, em geral, se construiria ao longo de uma vida. A sócia-diretora da Companhia de Idiomas, Ligia Vellozo Crispino, já perdeu a conta das empresas a que atendeu com praticamente todos os colaboradores apresentando deficiências sérias no trato com a língua, em cargos como os de gerência, dos quais normalmente se espera uma formação mais consistente. Ela assinala que os erros mais comuns são os de concordância

e regência verbal, além de ortografia ("experiência" com s ou "ansiedade" com c, por exemplo, são comuns), a maioria perpetrada na comunicação por internet "Você não detecta tantos erros em relatórios quanto em e-mails. Esse tipo de mensagem proporciona um nível de informalidade muito grande. Profissionais mais jovens, principalmente, escrevem tudo em letra minúscula e não colocam acento - o que acontece, na maioria dos casos, por causa da necessidade de se comunicar de forma rápida", afirma Lígia.

A diretora associa o uso do idioma a um cartão de visita. "Se você está num cargo de maior destaque, obviamente estará mais exposto. Sendo assim, imagine um diretor de marketing, um relações públicas, com a responsabilidade de representar minha empresa: que imagem ele vai passar se comete muitos erros de português?", questiona. A publicitária Marlisi Rauth, que trabalha como analista de comunicação e consultora de marketing em Curitiba, destaca o uso indevido do pronome oblíquo ("te mandei um arquivo", por exemplo), que, embora seja tolerado na comunicação oral, não é recomendado na comunicação escrita ou em situações mais formais. Outra afronta ao idioma são os vícios de linguagem, diz Marlisi, como "a nível de", além de mencionar o clássico "para mim fazer" como erro fatal, que pode gerar uma impressão muito ruim. "Há muitos sites e peças de

comunicação empresarial repletos de erros, mas isso é bem mais frequente no dia a dia das empresas. E esse é o grande problema, porque as pessoas acabam se acostumando com alguns deles", afirma Marlisi.

#### Inversão

Gerson Correia, sócio da Talent Solution, empresa de seleção de executivos, já presenciou muitos maus tratos à língua que comprometeram negócios. Segundo ele, se um profissional mais experiente ainda comete erros primários, é porque nunca teve feedback. "Um cliente de uma empresa de tecnologia estava prestes a fechar um negócio, e a certa altura cometeu um erro referente à grafia de uma palavra comum, do dia a dia. Pegou mal e o negócio acabou desandando, pois causou uma péssima impressão", lembra Gerson, que também ataca o uso de gírias na comunicação corporativa. "Em alguns segmentos, como o da publicidade, as gírias



Correia, da Talent Solution: se um profissional experiente ainda comete erros primários, é porque nunca teve feedback



Lígia, da Companhia de Idiomas: preocupação com a imagem da empresa passa pelo domínio da língua

são toleráveis, mas em grande corporações, por exemplo, é de bom tom evitar expressões mais informais", recomenda. Em certas situações, a informalidade está a tal ponto instituída na comunicação que o uso normativo da língua se torna vítima de preconceitos. "A ênclise [colocação do pronome depois do verbo] hoje é motivo de crítica, e muitos consideram pedantismo. A expressão com gerúndio também parece ser regra, em vez do futuro do presente. De modo que, quando se ouve a forma certa, soa esquisito, como se o correto fosse estranho", explica Correia.

#### Promoção

Uma pessoa que apresenta dificuldades para se comunicar tende a ter maiores contratempos numa empresa. Quanto mais se evolui na hierarquia maior será a cobrança pelo desempenho. No que se refere à expressão, essa evolução será medida, entre outros fatores, por um bom vocabulário e pela capacidade de se expressar com precisão e clareza em situações cotidianas. Lígia, da Companhia de Idiomas,

explica que há pessoas que, por tempo de casa, são promovidas apesar de continuarem com problemas de comunicação. "Nesses casos, a empresa se vê obrigada a investir nesse funcionário para ensinar-lhe o idioma. E se numa empresa a equipe se comunica melhor do que o líder, você tem um problema. Não será um curso de 40 horas que irá solucioná-lo, pois isso vem da família, da educação", afirma Lígia. Para esses casos, ela defende um trabalho mais prolongado, que proporcione leituras e atividades variadas para que os funcionários não fiquem "bitolados" na

cultura empresarial. Mas, embora a falta de domínio da língua implique restrições ao crescimento profissional de um executivo, a consultora Marlisi Rauth não crê que a incidência de erros seja motivo para demissão. "Uma pessoa que não saiba escrever ou falar corretamente muito provavelmente terá dificuldades de se expressar. Sem saber se expressar, o profissional pode acabar falando o que não deve, ou pode não ter capacidade de persuasão e justificativa em momentos delicados, por exemplo. E, ai sim, pode

colocar muito a perder", explica Marlisi. A consultora recorda-se de uma empresa onde trabalhou que desclassificou muitos candidatos a vagas de emprego por terem ido mal na prova. "Vi muita gente perder sua chance de contratação por causa do português." Tudo indica que, excetuando-se os lapsos, cada vez mais frequentes ante a rapidez que a vida profissional exige, os erros de português têm sempre a mesma base: a falta de leitura. Marlisi defende que um profissional, sobretudo de alto escalão, estabeleça

## Para não errar

*Alguns vícios de linguagem que podem arranhar a imagem do profissional*

### 9 MESMO

É comum o uso inadequado do pronome demonstrativo "mesmo" como pronome pessoal. "Mesmo" não é pronome pessoal e não deve ser usado no lugar de "ele" ou de outro substantivo, como: "A secretária preparou o relatório e o mesmo será enviado para a diretoria". O termo em destaque deve ser substituído por "ele" ou por um pronome relativo: "A secretária preparou o material que será enviado à diretoria".

### JUNTO A

A locução adverbial é usada inadequadamente em substituição à preposição "com". "Junto a" é semelhante a "perto de", "próximo a": "Resolva isso junto ao RH". Bastaria substituir pela preposição "com": "Resolva isso com o RH".

### CONCORDÂNCIA DO VERBO "HAVER"

O verbo "haver" é impessoal, isto é, não deve ser flexionado quando indicar tempo passado ou substituir os verbos "existir", "ocorrer", "acontecer". No entanto, são comuns usos como: "Houveram muitos problemas nas empresas". O correto é "Houve...".

"Há dias atrás houveram discussões." O correto: "Há dias houve discussões". Note que ocorre uma redundância desnecessária em "há dias atrás".

### ONDE

"Essa é uma situação onde devemos trabalhar em silêncio." O correto é "Essa é uma situação em que devemos trabalhar em silêncio". O advérbio ou o pronome relativo "onde" expressa sempre a idéia de lugar: "Essa empresa está em uma região onde há poucos concorrentes".

### MENOS

É muito comum o uso do advérbio "menos" na forma flexionada "menas". Vale lembrar que os advérbios são classes gramaticais invariáveis que se relacionam com o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio. Não devemos usá-lo concordando com o substantivo:

"Há menas mulheres do que homem" ("Há menos...").  
"A porta estava meia aberta" ("...meio aberta").  
"Meio-dia e meio" (!.. e meia). Trata-se de "meia hora".

### CRASE

É a contração ou a fusão de duas vogais. É preciso o

para si uma rotina de leituras - não só de jornais e revistas, mas também de livros - e torne-se "íntimo" do idioma, incorporando a forma culta ao seu dia a dia. Uma pessoa que escreva errado pode acabar sendo tachada de ignorante pelos colegas de trabalho.

### Objetividade

A jornalista Aríete Salvador, autora dos livros *A arte de escrever bem* e *Escrever melhor* (ambos da editora Contexto, 2004 e 2008, respectivamente), em parceria com Dad Squarisi, também considera "erro" a falta de objetividade que

vítima o uso da língua nas empresas. Ela alega que a incapacidade de se expressar com clareza pode manifestar-se em textos muito longos e com palavras em excesso, sendo a maioria delas, em muitos casos, desnecessária. "O resultado disso é que o texto fica prolixo e o autor arrisca-se a cometer mais erros gramaticais e ortográficos. Uma das coisas mais irritantes para executivos de alto escalão é receber relatórios longos e incompreensíveis. Sabe aquele tipo de documento que o diretor lê e pergunta: "Meu Deus do céu, o que ele quis

dizer com isso?", ataca Aríete. O exagero de palavras, também conhecido como verborragia, pode ser um sinal de dificuldade para expor idéias ou intenções, o que pode, do ponto de vista dos negócios, resultar em ineficiência, queda de produção e consequentemente prejuízos. Além disso, jargões e palavras de efeito podem mascarar informações inócuas ou mal organizadas, revelando a falta de concisão de quem produziu o texto. E, neste caso, os maiores prejudicados são a própria empresa e, infelizmente, o idioma.

Por João Jonas Veiga Sobral

encontro da preposição "a" com o artigo "a" para que ocorra, com os pronomes demonstrativos "aquela", "aquele", "aquilo" e com o pronome demonstrativo "a". "Entregamos à empresa os formulários solicitados" (Entregamos a + a empresa...).

É muito comum o emprego inadequado da crase em situações em que não há a fusão das vogais. "Entreguei à ela os formulários" (Entreguei a + ela). Note que o pronome pessoal "ela" não admite artigo. Isso inviabiliza o uso da crase.

Dessa forma, não há crase em:

"Enviamos a você (a + você) os formulários".

"Salário a combinar", (a + combinar)

"A partir (a + partir) de amanhã".

Há crase em ocorrências como:

"Entregaremos às (a + as dezesseis) dezesseis horas".

"Solicitamos à (a + a diretoria) diretoria a documentação".

### O GERUNDISMO

"Eu vou estar anotando o número" ou "A telefonista vai estar transferindo a ligação". Essas construções viraram uma praga nos escritórios em todo o país. O problema dessas construções não

está na estrutura (flexão dos verbos 'ir', 'poder' + estar + gerúndio), mas no uso indiscriminado e inadequado. Quando se usa essa construção para indicar duração de tempo ou processo, não há problema: "Não poderei atender a ninguém nessa tarde, porque vou estar em reunião" Mas nas construções "eu vou estar saindo, providenciando documento ou transferindo a ligação", não há um processo nem um tempo significativo a ser contado, por isso não devem ser empregadas.

### ANEXOS

"Seguem em anexo os formulários." Outro caso de redundância desnecessária. Basta escolher entre "segue" e "anexo" O adjetivo "anexo" concorda com o substantivo: "Anexos formulários e anexas faturas". Embora a norma do idioma não abone a locução "em anexo", formada por preposição e adjetivo, gramáticos e lingüistas defendem o uso, já comum nas mensagens corporativas.

